

Apollinaire e a Portuguezinha

RUBEM BRAGA

MALCEL Adema conta a história de um amor de Guillaume Apollinaire aos 18 anos. A moça tem 15 anos, mas parece ter mais. É uma portuguesa morena de olhos negros e corpo ágil — seu pai é professor de dança e ela o ajuda.

Israelita português, o Sr. Molina da Silva tinha sido ministro da Sinagoga de Marselha e vivia em Paris com um certo conforto, pois era professor de dança e maneiros da Escola Militar de Saint-Cyr. Em sua casa recebia com prazer aquele rapaz pobre e inteligente, nascido em Roma de uma princesa polonesa e pai ignorado, mas que já sabia manejar o francês com um virtuosismo especial. Ninguém o chamava ainda de Guillaume nem Apollinaire, mas de «Kostro», de seu nome Kestrowitzky.

Estamos em 1900 e portanto ainda longe do surrealismo; Apollinaire, nesses versos que quase todo dia faz para Linda, lembra às vezes Verlaine, o Verlaine das cartas em versos. O nome da amada o inspira: **Votre nom très païen, un peu prétentieux — Parce que c'est le vôtre en est délicieux — il veut dire «Jolie» en espagnol, et comme — vous l'êtes, on dit vrai chaque fois qu'on vous nomme.**

Linda gosta desses galanteios e os recebe com coqueteria, mas está amorosa de outro rapaz, o musicista Raymond Charpentier.

Quando a família viaja, nas férias de 1901, Apollinaire manda cartas de uma galanteria um tanto irônica e amarga. «Eu não sabia que o céu de Paris era tão amoroso e sentimental — desde que v. se foi êle se pôs a chorar uma chuva imensa...» e mais adiante: «Se tiver tempo e se isso não a aborrecer, você me daria muito prazer copiando, para me mandar, todos os versos feitos aí em seu louvor...» Diz que não tem mais coragem de passar pela casa da moça: «E como certos palácios dos contos de fada, ela caiu por terra, e só se erguerá outra vez quando você voltar...»

Sugere que Linda mostre suas cartas apaixonadas aos amigos para se divertir — sem imaginar que, na realidade, a moça, vaidosa, manda essas cartas para o namorado ler. Às vezes Apollinaire afeta um certo desprezo e faz ironias para tentar impressionar a moça — lembra que um dia ela será uma «velhota gorducha» sem nada que recorde **la fille aux traits d'infante immortelle em mes chants.**

Linda responde sempre falando em amizade, etc., e o encorajando muito de leve, mas sem dar afinal nenhuma esperança ao **pauvre «Kostro»**. O qual, finalmente, sem esperar seu regresso a Paris, parte para a Alemanha, esquecendo esse amor infeliz com uma certa velocidade, graças aos encantos de uma loura Annie...

M 706

DN 20 Abril 1969

CM

CM 13.8.50

26 Hmc - mais
1974

DN-9.3.67

244